

13. DTI

ESTUDOS DE FOLKCOMUNICAÇÃO

Bordando histórias, pontuando o futuro: arte popular como processo folkcomunicacional de ativismo e construção do patrimônio

Cristina Schmidt; Eliane Mergulhão; Sônia Jaconi

Bordando Histórias, Pontuando o Futuro: Arte Popular como processo Folkcomunicação de ativismo e construção de Patrimônio¹

Cristina Schmidt ² -- FABE, UFBA, Rede Folkcom (cris_schmidt@uol.com.br)

Eliane Mergulhão ³ -- UNIP-SJC, FATEC-SJC (elianemergulhao@gmail.com)

Sônia Jaconi ⁴ -- IEA/USP, INTERCOM (sonia.jaconi@usp.br)
(Brasil)

Resumo

O artesanato é uma forma de expressar vivências sociais. Por meio dele são registradas cenas do dia-a-dia, histórias, mitologias, sentimentos. É a vida expressa em materiais e formas diversas. Nele estão presentes os elementos folkcomunicação como suporte midiático e de memória, constituindo um patrimônio do coletivo. Como objetivo, verificou-se como a arte dos bordados constitui-se como veículo de expressão dos sentimentos e identidade de muitos grupos de mulheres oprimidas em suas histórias. Para isso, realizamos levantamento bibliográfico das obras de Luiz Beltrão e também outras publicações relevantes de pesquisadores da Folkcomunicação como Marques de Melo, Holfeldt, Schmidt, Trigueiro. Também fizemos um levantamento em diferentes sites jornalísticos com a finalidade de trazer dados sobre coletivos de bordadeiras. Os resultados apresentam que o bordado adquire função folkcomunicação, transmitindo temáticas ligadas a questões de violências, problemas sociopolíticos e luta por direitos – é processo de folkcomunicação e é folkmídia, e as artistas são folk-ativistas. Registrar o vivido em produções artísticas como o bordado é definir a importância de cada indivíduo como protagonista de suas lutas, ator no patrimônio coletivo.

Palavras-chave: Bordado; Arpillera; Folkcomunicação; folk-ativismo; Patrimônio.

Keywords: Embroidery; Arpillera; Folkcommunication; folk-activism; patrimony.

1 Trabalho a ser apresentado no DTI 14 – Estudos de Folkcomunicação, XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação – IBERCOM 2022, realizado de 26 a 29 de Outubro de 2022 no Super Bock Arena, na cidade do Porto, Portugal, promovido pela Assibercom e pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

2 Pós-doutorado pela Cátedra Unesco/Metodista em Comunicação para o desenvolvimento regional. Doutora em Comunicação e Semiótica-PUC-SP, Mestre em Teoria e Ensino em Comunicação, Jornalista pela UESP. Pesquisadora na UFBA – PPG Museologia. Diretora Científica da Rede Folkcom. Professora na Faculdade Bertioga.

3 Doutora em Folkcomunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), fez pós-doutorado na Cátedra Unesco/Metodista em Comunicação para o desenvolvimento regional.

4 Doutora em Comunicação pela UESP. Pós-doutoranda no IEA/USP – Cátedra Alfredo Bosi de Educação Básica. Diretora de Projetos da Intercom.

Introdução

O artesanato é uma forma de expressar vivências sociais. Por meio dele são registradas cenas do dia-a-dia, histórias, mitologias, sentimentos. É a vida expressa em materiais e formas diversas. É a comunicação realizada entre os seus interlocutores por meio de canais próprios à sua identidade, localidade; ou seja, o artesanato e a arte popular são meios de expressão de grupos marginalizados.

No campo da folkcomunicação esse processo pode ser definido como mecanismo comunicacional adotado pelos grupos populares como suportes de informação para que possam realizar suas trocas de mensagens, ideias, valores; e, ainda, estabelecerem redes comunicacionais interpessoais e interculturais de sociabilidade, de resistência e de luta. Isso quer dizer que das artes populares florescem muita informação, e de acordo com Luiz Beltrão (1971, p.123) elas constituem a “linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas vezes discordantes e mesmo opostos ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes”.

Dentro da discussão do artesanato como expressão cultural, podemos dizer que tal processo revela uma necessidade nem sempre hereditária de transformar e registrar seu ambiente natural para atender fatores que se tornam importantes no momento presente. Trata-se de um processo de comunicação das necessidades individuais e coletivas através de um sistema simbólico singular ao grupo que se comunica. (SCHMIDT, 2011)

No contexto da folkcomunicação esse processo pode ser definido como “os procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos”, afirma Hohlfeldt citando Luiz Beltrão (2001).

Isso implica em compreender o sentido que cada tipo de artesanato apresenta a respeito de um acontecimento vivido. Mas antes disso, conhecer quem o faz: o artista e/ou o líder folk; e como o faz: o tipo de material utilizado, o tipo de organização social que possibilita. Também é fundamental apreender como ocorre o processo de aprendizagem, elaboração, e comercialização. Assim, os artesanatos de cada localidade e cada grupo poderão emitir informações a respeito de si – do seu produtor, de sua gente, de sua localidade – bairro, cidade ou região, e conseqüentemente de todo um perfil cultural – identificando sujeitos em busca de suas histórias. (SCHMIDT, 2011)

Esse é o momento em que a comunicação assume seu papel social, ou ainda, esse é o momento em que, segundo Luiz Beltrão (2001, p.24), é ampliado o conceito da Folkcomunicação, “para não dar somente a idéia de que o povo utiliza a folkcomunicação para trocar notícias”, mas principalmente para a educação e para a cidadania.

De acordo com o artista e seu contexto, os produtos são caracterizados e trazem as marcas da singularidade cultural na qual estão inseridos, produtos esses que se configuram como suporte comunicacional. E, em conformidade com seu ideário, suas mensagens. Dentro de cada contexto, o método, as técnicas, os materiais. O artesanato vira um instrumento de luta, que traz vivências e saberes ancestrais, e configura um potente meio de comunicação, registro cultural e constituição de patrimônio.

Neste estudo delimitamos as artes populares em uma expressão: a arte dos bordados retratados no documentário “Arpilleras: atingidas por barragens bordando resistência” que tem adquirido a função política, midiática, veículo de expressão dos sentimentos, contestações e reivindicações de muitos grupos de mulheres oprimidas em suas histórias. Para elas “em forma de arte e bordado, são histórias de vida, denúncia de violação de direitos e construção de lutas”.

Enquadramento Teórico

O enquadramento teórico e a metodologia adotados para este estudo seguem a mesma utilizada por Schmidt (2011), em texto apresentado como resultado de uma ampla pesquisa sobre artesanato na XIV Conferência de Folkcomunicação na UFJF, Juiz de Fora – MG-BR, e Schmidt (2022) em artigo apresentado na 45ª. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na UFPA em João Pessoa – PA-BR, por se tratar de um desdobramento de pesquisa acerca de artesanato popular e bordado realizado por essa pesquisadora. Desse modo, apresentamos a seguir tal como está escrito (*ipsis litteris*) no artigo do Intercom 2022, em que a pesquisadora discorre sobre o sistema de folkcomunicação, os líderes de opinião, e os suportes midiáticos dos grupos populares, marginalizados. Assim:

Estudar o bordado como suporte midiático traz as reflexões para o campo da folkcomunicação e, com isso, nos posiciona perante o objeto e o contexto com uma postura de trabalho que interessa compreender a comunicação do popular – mecanismos, linguagens, mídias. São meios de expressão de ideias e informações próprias aos grupos em sua linguagem, de modo que emissor e receptor se fazem entender numa comunicação própria ao mundo que pertencem. A expressão cultural é entendida como processo de comunicação dos grupos que estão às margens dos meios políticos e comunicacionais hegemônicos, o que Beltrão define como “grupos marginalizados”, que podem ser urbanos, rurais ou culturalmente marginalizados (BELTRÃO, 1980).

No livro “Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados”, Luiz Beltrão (1980) desenvolve uma reflexão sobre o modo como uma grande parcela da população, em todo o mundo, é marginalizada das dinâmicas hegemônicas da sociedade – por restrições econômicas e educacionais (analfabetismo) – mas que, por seu modo, constituem uma gama de manifestações próprias às “classes subalternas”. Essas expressões sustentam uma inteligência popular para a comunicação interpessoal ou intergrupal, para a organização, resistência e ação dos “grupos marginalizados”. (SCHMIDT, 2012, p.XX)

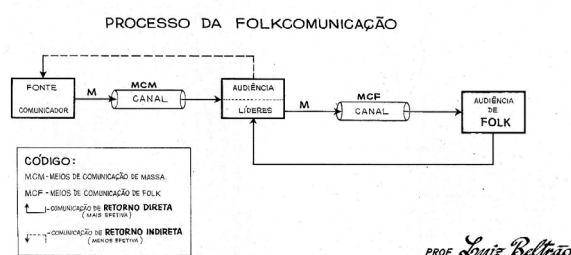
Excluídos do sistema de comunicação social, e não podendo – pela própria condição humana – dispensar o intercâmbio de mensagens culturais, integrariam sem dúvida outro complexo de procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades, e expressivas de sua ideologia, aspirações e opiniões. Seria através desse outro sistema que as camadas sociais identificadas como carentes intercambiariam elementos de informação, educação, incentivo, à melhoria material e espiritual de sua vida, e, afinal, de entretenimento e sonho adequado às condições socioeconômicas do seu dia a dia. (1980, p.23)

Schmidt (2012, p.34) vai posicionar que ao estudarmos esses processos toma-se como premissa que os grupos marginalizados reelaboram a sociedade e suas relações apresentando uma visão própria a sua gente, diferente e às vezes questionadora da visão “dominante” e institucionalizada. Nessa linha, ao fazermos reflexões sobre o bordado consideramos que essa expressão artística esta vinculada à prática cotidiana e aí estão localizados os emissores e receptores, individuais ou coletivos, voltados a transmitir suas mensagens “em linguagem própria a sua audiência”, pois têm como objetivo comunicar-se “com um mundo” específico de convivência. Isso implica em fazer um recorte de estudo que permita abarcar os conteúdos comunicacionais, o agente (líder de folk), e o produto ou meio (folkmidia).

Para isso, é importante retomar os conceitos iniciais de Luiz Beltrão para evidenciar como o objeto estudado está situado precisamente dentro do “Sistema da Folkcomunicação”, e como tal procedimento permite a construção de informações críticas e contextualizadas. Nele se concebe a comunicação num fluxo de dois estágios: no primeiro momento a informação chega a um tipo de

destinatário – líder de opinião, que decodifica e re-produz a mensagem para, no segundo estágio, transmiti-la a grupos de seu relacionamento.

Imagem 01: Diagrama – correlação entre dois sistemas de comunicação.

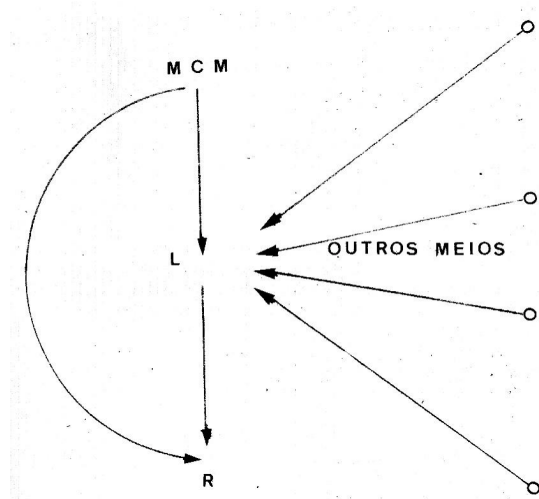


Fonte: Luiz Beltrão, 1980, p.34.

A presença do líder comunicador, ou líder folk, nesse processo é fundamental. De acordo com Luiz Beltrão a “liderança está intimamente ligada à credibilidade que merece no seu ambiente e à habilidade do agente comunicador de codificar a mensagem ao nível do entendimento dos seus receptores.” Como a sociedade é discriminatória e elitiza as formas de comunicação – por mais massivas que pretendam ser – desconsidera a maioria da população que tem processos peculiares de comunicação, “através de um vocabulário escasso e organizado dentro de grupos de significados funcionais próprios” (1980, p.32).

Para isso, o líder de opinião, por sua vez, vai estabelecer uma troca informacional com outros líderes e segmentos para formar um arcabouço que lhe dê credibilidade e sustentabilidade no grupo. E com referência em Dumazedier (ver diagrama abaixo). traz a participação do líder de opinião para a folkcomunicação compreendendo a comunicação social como “fluxo em múltiplos estágios” (1980, p.32).

Imagem 2: Esquema do líder comunicador



O líder comunicador (L) irá mediar as informações advindas dos diferentes meios de comunicação refletindo e redirecionando aos grupos receptores (R) as adequações decorrentes do contexto. É um processo dinâmico e exige um envolvimento intenso com a comunidade e ágil com o mundo externo, o que Trigueiro (2008), em estudos posteriores, denomina de ativista midiático – pois negocia as práticas comunicacionais e culturais na produção de bens culturais mediados. Nesse ponto propõe uma diferenciação do líder folk, inicialmente conceituado por Beltrão como um

decodificador; que considera como um interlocutor entre os diversos contextos culturais. E por ativista é o político-ativista, pertencente ao grupo culturalmente marginalizado. (SCHMIDT, 2012)

Além disso, ao categorizar as manifestações e veículos folkcomunicacionais no Brasil, Luiz Beltrão (1971, p.15) define que todas as expressões de folkcom são “processos de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. E que as informações aí veiculadas nem sempre são de caráter jornalístico convencional, são comunicações especializadas que transmitem mensagens importantes para o grupo e que estão “de acordo com os seus objetivos e efeitos combinados”. Ou seja, “as classes populares têm assim meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender” (1971, p.47) e podem apresentar-se nos formatos: oral, escrito e opinativo.

E, apesar de este último estar mais ligado a um gênero e menos a um formato, o teórico coloca nessa categoria os meios de expressão em que se processam “o florescer da informação, transmutada em opinião, expressa na sátira, na crítica, na caricatura e nos símbolos, de que estão prenhes os entretenimentos, folguedos, autos populares, a pintura e a escultura e até mesmo a mais doméstica e tradicional das artes brasileiras: a confeitaria” (1971, p.122). Inserem aí também manifestações populares públicas como o carnaval, a música, a dança, o mamulengo e o Boi Bumbá, o artesanato e as artes plásticas populares.

Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas e tantas vezes discordantes e mesmo opostos ao pensar e ao sentir das classes oficiais dirigentes. (1971, p.122-123)

Dentro dessa proposição os bordados são as mídias pelas quais os coletivos de bordadeiras vão expressar suas mensagens a respeito da realidade nas quais estão inseridas demonstrando sua resistência e formação política em oposição aos descompassos que desinformam. Nas mensagens estarão seus pontos de vista resultante de uma leitura mediada pelos diferentes líderes de opinião – que também são membros e atuantes nesses coletivos –, e serão veiculadas nas suas produções/ mídias/bordados para o receptor interno – as bordadeiras que participam do processo; e, para o receptor externo nas ações que participarem coletivamente como em exposições, passeatas, eventos culturais e políticos que abrangem diferentes públicos.

Metodologia

Como já foi dito, a metodologia adotada para este estudo, assim como o enquadramento teórico, segue a mesma utilizada por Schmidt (2011 e 2022), por se tratar de um desdobramento de pesquisa. Desse modo, foi adotada a folkcomunicação como campo de análise para o artesanato, pois mais que uma teoria, é um campo que nos coloca em vivências singulares de cumplicidade e participação, que diferencia-nos de muitos outros pesquisadores. “A folkcomunicação faz uma delimitação de objetos de estudo pertencentes a um grupo que está nas bordas dos grandes processos comunicacionais; de acordo com Beltrão, são grupos marginalizados que criam seus próprios meios para transmitir seus saberes” (SCHMIDT, 2011) ao que Luiz Beltrão denomina de grupos culturalmente marginalizados.

Em ambos os momentos de pesquisa, Schmidt considerou alguns aspectos para a reflexão do objeto no campo da Folkcomunicação, e que voltamos a ressaltar novamente para esta nova reflexão sobre artesanato-bordado. A autora evidencia que nos processos folkcomunicacionais os meios estão vinculados à prática cotidiana. Por exemplo: existe muita comunicação por meio da alimentação. Como já demonstrou Câmara Cascudo, os alimentos informam histórias, saberes, diversidade cultural. As festas são grandes processos de comunicação que incluem diferentes mecanismos e mídias, tema estudado pela Rede Folkcom em pesquisa nacional. Outro grande exemplo está na

religião, e tudo o que envolve as expressões religiosas, como elucidou o próprio Beltrão em seu texto inaugural sobre ex-votos. As pesquisas recentes têm demonstrado muita folkcomunicação nas mídias digitais, nos jogos, nos esportes, na política.

Nesses mesmos processos estão inseridos os emissores e receptores, individuais ou coletivos, voltados a transmitir suas mensagens “em linguagem própria a sua audiência”, pois têm como objetivo comunicar-se “com um mundo” específico de convivência. Isso implica em fazer um recorte de estudo que permita abarcar os conteúdos comunicacionais, seja ele processo, agente (líder de folk), produto ou meio (folkmidia). (SCHMIDT, 2011, p.08)

Um aspecto importante que sempre procuramos evidenciar em estudos que buscam o enquadramento no campo da folkcomunicação é a adoção de referências teóricas e técnicas de coleta de dados que permitam abarcar o objeto em sua complexidade e diversidade, que evidenciam a pesquisa empírica de caráter qualitativo como fundamental nesses casos. Importante, percorrer linhas que viabilizem a pesquisa em comunicação, metodologias possíveis de visualizar a comunicação popular. Mas, mais importante ainda, o que consideramos fundamental é utilizar como referências principais a teoria, os conceitos e a metodologia de Folkcomunicação, utilizar Luiz Beltrão e também seus contemporâneos, que lideraram centros, núcleos e linhas de pesquisa, e complementaram sua teoria como: Roberto Benjamim, José Marques de Melo, Osvaldo Trigueiro, Lucena, Breguez, Luyten, Hohlfeldt; e os da chamada “terceira geração”: Schmidt, Woitowicz, Gadini, Oliveira, Oliveira Lima, Maciel, Fernandes, Amphilo, Aragão.

Ao adotarmos o campo da folkcomunicação, nos tornamos parceiros e cúmplices de uma teoria brasileira que se atualiza e se complementa no contexto dos grupos marginalizados. “Teremos atividades de pesquisa com uma proximidade muito grande dos grupos estudados, de vivência e convivência, de troca, de aprendizado. É impossível pesquisar folkcomunicação sem estabelecer laços com um grupo, com uma localidade, com uma causa, com uma história, com a história” (SCHMIDT, 2011).

Para este artigo, em que somam-se à reflexão as pesquisadoras Eliane Mergulhão e Sônia Jaconi, realizamos levantamento bibliográfico das obras de Luiz Beltrão e também outros autores relevantes da Folkcomunicação como Marques de Melo, Holfeldt, Schmidt, Trigueiro. Também fizemos um levantamento em diferentes sites jornalísticos com a finalidade de trazer dados sobre coletivos de bordadeiras. E, por fim, analisamos o documentário “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”, disponível no Youtube; que traz a história de dez mulheres atingidas por barragens das cinco regiões do Brasil, ligadas ao Movimento Atingidos por Barragens – MAB. Nele estão presentes os elementos folkcomunicacionais do bordado como suporte midiático e de memória, constituindo um patrimônio coletivo.

Resultados e Discussão

A prática do bordado permanece na contemporaneidade sendo feito - por diferentes faixas etárias, gêneros, etnias - como método artesanal que liga os conhecimentos e as tecnologias do presente com saberes e processos ancestrais. Por todas as civilizações o bordado esteve presente como uma atividade praticada principalmente por homens, e era utilizado para diferenciar grupos sociais, e para isso eram usados fios nobres como seda, prata e ouro, na confecção dos ornamentos. Com o decorrer da história, o bordado passou a ser protagonizado pelas mulheres e adquire um perfil de trabalho artesanal utilitário. De acordo com cada cultura outros materiais foram sendo incorporados para a composição dos bordados como sementes, ossos, escamas, pedras, e rendas. (SCHMIDT, 2022)

O bordado em si é uma expressão cultural que informa conteúdos culturais, seja ele para distinção de classe social ou posição hierárquica, para ornamentos religiosos ou festivos – em procissões, estandartes, fantasias. Em muitos momentos o bordado é suporte para manifestações políticas como em bandeiras, faixas, camisetas, bonés e máscaras. Exemplo disso é a técnica de bordado chileno arpillera, adotada em uma das atividades do Movimento Atingida por Barragens (MAB) que desenvolve oficina com pessoas atingidas a fim de que possam expressar seus sentimentos e lutar por seus direitos – a cada 100 mulheres atingidas, 70 não têm os direitos retomados. O bordado entra como atividade do movimento por meio do Clube de Mulheres, um grupo voltado a desenvolver ações para as demandas feministas. Para a coordenação do projeto, “o bordado tem uma tarefa transgressora”.

Inclusive, essas bordadeiras do MAB tomaram uma proporção tão grande que gerou o documentário lançado em 2017: “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”, disponível com livre acesso no Youtube; e, de acordo com a sinopse, o filme apresenta “a história de dez mulheres atingidas por barragens das cinco regiões do Brasil que, por meio de uma técnica de bordado surgida no Chile durante a ditadura militar, costuraram seus relatos de dor, luta e superação frente às violações sofridas em suas vidas cotidianas. A costura, que sempre foi vista como tarefa do lar, transformou-se numa ferramenta poderosa de resistência, de denúncia e empoderamento feminino”.

Imagem 03: Cartaz do documentário “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

O documentário vai alinhavando a história das mulheres arpilleras atingidas por barragens em cinco partes, acompanhando o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) nas cinco regiões brasileiras: Sul, Sudeste, Norte, Centro Oeste, Nordeste. Vai trazendo as histórias de vida das mulheres em seus lugares de luta e resistência por meio de tomadas que destacam: quem são, suas histórias pessoais e coletivas, sua residência atual, a localidade atingida, a elaboração de uma carta de encorajamento, solidariedade e empoderamento das demais “companheiras de luta”. E, finalizam mesclando o bordado com a carta, evidenciando a importância do registro da história em diferentes suportes, a materialização dos sentimentos por meio de linhas, tecidos, sementes, objetos, palavras escritas, fotos e vídeo que representam os processos pelos quais passam. É um entrelaçamento de histórias e mídias.

“A memória tem força de gravidade, sempre nos atrai. As que têm memória são capazes de viver no frágil tempo presente. As que não têm, não vivem em nenhuma parte.”

Essa citação abre o documentário que em seguida faz uma referência à luta e resistência das mulheres chilenas durante a ditadura militar no Chile, que utilizaram a técnica do bordado “arpillera”

feito em estopa com linhas, retalhos e objetos. Além do que, entre os pontos ou tecidos aplicados, inseriam cartas escrevendo sobre seus sentimentos, colocando informações sobre a resistência ao regime, e dados de pessoas presas ou desaparecidas. Esses bordados eram levados de uma comunidade a outra, como parte dos mantimentos e utensílios de trabalho, passavam de mulher para mulher no campo ou na cidade. Era um meio de comunicação em que cada cor ou tipo de linha, cada tecido ou objeto, era um código que compunha a mensagem no bordado. E o documentário enfatiza o “arpillera” como um meio, “como um canto” de todas as mulheres que lutam.

Imagem 04: Exposição Virtual “Arpilleras: atingidas em defesa da vida.”



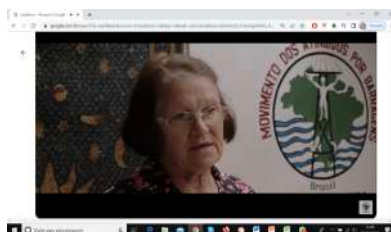
Fonte: <https://mab.org.br/mulheres/>

Depois disso, traz para a realidade brasileira mostrando que tal técnica foi adotada pelo MAB, e serve como veículo de expressão de luta pelos direitos das mulheres atingidas por barragens. E coloca a pergunta: “O que é ser atingida?” E, imediatamente responde: “Lá é seguir procurando suas memórias como grãos de areia espalhadas no deserto. Aqui é buscar no fundo dos rios suas vidas alagadas. Se organizar, ter força de resistir e caminhar, e de se converter em autora de sua própria história”.⁵

SUL – Primeiro Depoimento: Sra Claídes, do Paraná, com cinco filhos, dezenove netos, duas bisnetas. Ela conta que saiu de casa aos 11 anos para trabalhar como empregada doméstica. Casou-se aos 17 anos. Vai mostrando fotos antigas de família para comprovar o quanto se sente realizada por sua história com o marido, com a família e na luta. Enfatiza que depois de viver quase quarenta anos no mesmo lugar, a mudança brusca provocada pela represa impactou violentamente na comunidade toda. Seu marido adoeceu e morreu depois de três anos. E ela reproduz um ditado muito repetido por seu marido “pássaro velho não se troca de gaiola”. Milhares foram obrigadas a sair de suas cidades e algumas até do país, foram para o Paraguai.

Claídes faz parte do grupo de milhares de pessoas que foram atingidas pela construção da Hidrelétrica de Itaipú, no período de 1975 a 1982 em um esforço binacional entre o Paraguai e o Brasil. Foram desapropriadas mais de 42 mil pessoas, das quais quase 39 mil eram trabalhadoras do campo, e com isso gerou muitos problemas sociais. Os impactos ambientais foram incontáveis, pois modificou toda a constituição da bacia hidrográfica, inundou florestas e terras agriculturáveis, e muitas espécies animais foram atingidas. A área alagada possui 1 350 km², indo de Foz do Iguaçu, no Brasil e Ciudad del Este, no Paraguai, até Guaira e Salto del Guairá, 150 km ao norte.

Imagens 05: Claídes. Cena do doc. “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”



⁵ Citação da locução introdutória do documentário “Arpilleras: atingidas por barragens bordando resistência” do MAB, 2017.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

Claídes faz um relato sobre o preconceito que sofreu dos homens da comunidade, do governo e da empresa durante todo o processo inicial do acatamento, ainda no período da ditadura. Expõe uma consciência clara sobre os males do patriarcado e da exploração capitalista. Sempre incentivada pelo marido e os filhos, entrou no movimento desde os 20 anos de idade. Dentre os 120 homens que faziam parte do movimento, somente ela de mulher participante. Segundo ela, desde que entrou nesse processo nunca mais foi a mesma pessoa. A família destaca que ela sempre lutou pelo coletivo, ao que ela declara “Quando é atingido por injustiça, o sangue pulsa e leva à luta por si, pelos filhos, pela comunidade, para deixar um mundo melhor”.

O documentário segue com o depoimento de Claídes mostrando sua família, seu atual companheiro, e depois vai com a depoente à antiga casa destruída e a comunidade debaixo da represa, para a Hidrelétrica de Itaipú. Passa para a leitura da carta que será colocada atrás do bordado e entregue às companheiras de outra região.

Na arpillera que bordei e que vai chegar às tuas mãos, eu bordei o que senti quando tive que sair do lugar que vivia para dar lugar à uma obra faraônica, que gera energia para outros países, isso com grandes lucros. Choramos pela comunidade, pelas amizades, pela propriedade que sumiu. Tudo ficou para trás. A saudade que nos maltrata é grande. Vai um alerta: se organizam e tutam até as últimas consequências. Estou contigo, abraços, Claídes.

SUDESTE – Segundo Depoimento: Inicia com Marta lendo a carta de Claídes. Em seguida relata que muitas noites são mal dormidas e que geram sonhos de situações vividas antes e depois do rompimento da barreira. Sonhos que marcam sua vida e de muitas outras companheiras, é quase que um pesadelo coletivo que insiste em repetir. Para Marta, essas perturbações:

são sonhos. São lembranças. Por culpa da Samarco, que liberou um monstro aqui. Devorador de almas, de pessoas, de lazer, de famílias, de saúde. E eu posso dizer com certeza absoluta porque estou com minha filha aqui no braço cheia de bolhas no corpo de alergia da lama.

Do mesmo modo que na primeira parte, o documentário segue mostrando o que restou das casas do bairro Volta da Capela, na cidade de Barra Longa, que foi levado pela lama da Barragem do Fundão que estourou em 2015. Localizada em Mariana, Minas Gerais, a barragem continha rejeitos de mineração, produtos altamente tóxicos, e pertencia à Empresa Samarco Mineração S/A, tendo como acionistas a companhia anglo-australiana BHP Billiton Ltda. e a VALE S.A.. “Quantos corpos foram levados nesse rio. Mesmo mortos foram sendo dilacerados, mutilados, muito triste...”, observa Marta às margens do que foi um rio, e agora é lama seca. A cidade de Barra Longa ficou conhecida como cidade da lama.

O desastre causou dezenove mortes, danos ambientais irreparáveis às regiões atingidas, a destruição total do povoado de Bento Rodrigues, no município de Mariana. Além disso, com a contaminação dos rios do Carmo e Gualaxo do Norte por rejeitos de mineração, atingiu várias cidades como Barra Longa, e destruiu muitas propriedades agrícolas e pesqueiras, áreas de proteção ambiental permanente, parques com fauna e flora em extinção, comunidades indígenas e ribeirinhas. O desastre causou impacto ambiental em dois estados brasileiros – Minas Gerais e Espírito Santo – na Bacia do Rio Doce, e ao longo dos rios foi impactando cidades até chegar ao litoral capixaba. A catástrofe alterou a paisagem, contaminou as águas do lençol freático, decom pôs completamente o modo de vida da população na região.

Imagem 06: Exposição Virtual “Arpilleras: atingidas em defesa da vida.”



Fonte 06: <https://mab.org.br/mulheres/>

Imagem 07: Cena do documentário “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”



Fonte 07: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

Um grupo de mulheres bordam juntas para colocar seus sentimentos no tecido, mas também para mudar a imagem da localidade. Elas dizem que desejam “que a cidade seja lembrada como a terra dos bordados, e não da lama”. O bordado transformou um grupo de mulheres em militantes em defesa de seus direitos, que pouco vieram; em empreendedoras, produzindo peças para venda; e em mulheres empoderadas e conscientes de seu papel na cidade.

Marta e Simone, que se conheceram na luta, falam da importância da união das mulheres e dos movimentos no campo e na cidade para defender seus direitos. E nessa linha vão escrevendo a carta para outras arpilleras, e vão lembrando do movimento que participam até hoje, reivindicando os direitos engolidos com o lamaçal, e alertando sobre os impactos maléficos das grandes corporações, e do capital. Do mesmo modo, vão marcando suas emoções e convicções de luta no bordado.

Imagens 08: Simone e Marta. Cena do “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

NORTE - Terceiro Depoimento: Alacídia é uma mulher que luta com seu trabalho de costura e outras manualidades. É mãe de um rapaz. Abre seu depoimento em uma embarcação na represa que outrora foi o rio Xingu. Ela diz:

Sempre que a gente olha pro Xingu a gente vê o infinito... As vidas da nossa família e dos moradores de Altamira têm muita ligação com o rio. Depois, vira um assentado pra instalação de uma usina do porte de Belo Monte. É como se você tivesse sido marcado pela vida, pela luta.

A Usina Hidrelétrica de Belo Monte é uma usina hidrelétrica com 478 km², abrangendo a bacia do Rio Xingu, localizada no norte do estado do Pará. Atingiu muitas propriedades com agricultura familiar, retirando de suas propriedades comunidades indígenas e ribeirinhas, modificando biomas provocando grandes mudanças ambientais. Ainda, pode deixar comunidades, animais e plantas do Xingu sem água para sobreviver, pois desviou percursos de rio e inundou outras áreas matando fauna e flora. Povos indígenas e ribeirinhos, peixes endêmicos e plantas nativas podem simplesmente desaparecer por falta de água.

Imagens 09, 10, 11: Alacídia, Ercília e Fatinha.

Cenas do documentário “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

Alacídia, Ercília e Fatinha representam as mulheres de Altamira no documentário, elas fazem parte

do MAB, e também entraram para o grupo de bordado para expressarem seus sentimentos e registrarem suas lutas. Fatinha faz questão de dizer que “o que faz acontecer aqui em Altamira é a nossa revolução. Antes a gente não podia falar nada, agora a gente já pode. É a luta dos atingidos.” As mulheres enfatizam que viviam felizes em suas localidades de origem, e após serem atingidas, só quem tinha a palavra era “quem tinha dinheiro”. Por meio do movimento e do trabalho artesanal em grupo, onde colocaram seus sentimentos e necessidades para reflexão, conseguiram se fortalecer.

O documentário ainda percorre a localidade devastada, e depois as instalações da Usina. Ali, Alacídia lembra das palavras de ordem do movimento e registradas nos bordados: “Água para vida, não para a morte! Água para a vida, não é mercadoria!”.

Imagem 12: Exposição Virtual “Arpilleras: atingidas em defesa da vida.”



Fonte: <https://mab.org.br/mulheres/>

Os fatos do Norte são encerrados no documentário com o bordado e a leitura da carta que vai acompanhar a arpillera:

Alacídia, Ercília e Fatinha, companheiras de luta por moradia, educação, saúde no acatamento. São muitos ainda os problemas a serem corrigidos. Por isso estamos sempre na batalha para conquistar os direitos nossos. Juntos, unidos, vamos vencer. Deixamos nosso recado: Lute, lute, grite, grite, não desista. A força é incomparável que tem dentro de nós guerreiras. Somos um para todas.

CENTRO-OESTE – Quarto Depoimento: Inicia com Sebastiana contando sua trajetória de vida sempre com muita luta, iniciada no garimpo. E conta que o processo de atingida começou quando os seus instrumentos de trabalho foram retirados, impedindo que ela, sua família e amigos da comunidade continuassem a garimpar. Os seguranças contratados pela empresa de construção da barragem agiam com força contra quem insistisse em garimpar na região. E foram retirados do lugar, sem saber fazer outra coisa, no assentamento surgiram muitos problemas como doenças, alcoolismo, desemprego.

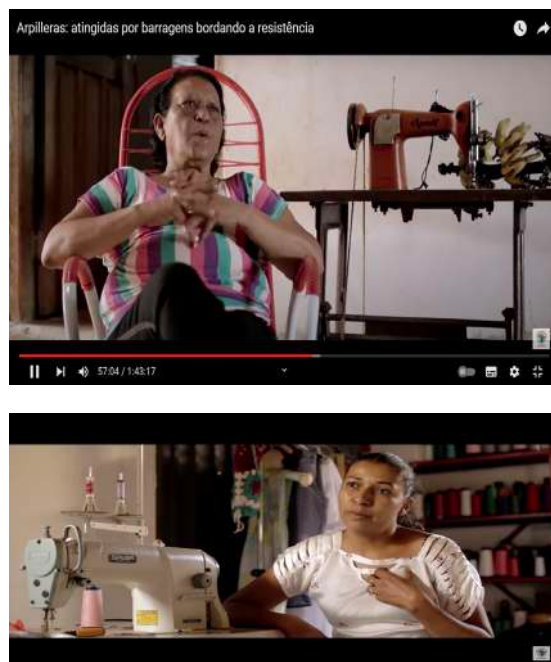
Os atingidos no Centro-Oeste ao que o documentário se refere são vítimas da implantação da Usina Hidrelétrica (UHE) de Cana Brava e da UHE Serra da Mesa, ambas construídas por uma corporação internacional - uma concessão dada à multinacional francesa Companhia Energética Mercosul Tractebel Energia - localizadas em Goiás, próxima à confluência entre os rios Tocantins e Carmo. De acordo com o Mapa de conflitos da Fiocruz (2014) os municípios atingidos são Minaçu, Cavalcante, Colinas do Sul, Minaçu em um processo que iniciou em 1995, inaugurou em 2002, mas que persiste a luta por reparações até os dias atuais.

A população atingida envolve: agricultores familiares, povos indígenas, quilombolas, trabalhadores rurais assalariados, trabalhadores rurais sem terra. Impactos Socioambientais causada são: alteração no regime tradicional de uso e ocupação do território, a empresa até a presente data tem irregularidade na autorização ou licenciamento ambiental, provoca inundações e enchentes, e fez invasão e dano à área protegida ou unidade de conservação. Quanto aos danos à saúde, o

empreendimento gerou insegurança alimentar, piora na qualidade de vida, violência nas localidades, além de fazer constantes ameaças ao movimento organizado dos atingidos.

Imagens 13 e 14: Sebastiana e Patrícia.

Cenas do “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

O documentário segue com Patrícia que se diz atingida por solidariedade, uma vez que ela não precisou ser deslocada. Mas, assumiu a luta junto com as mulheres da comunidade. Ela propôs a oficina de costura e bordado no acatamento para criar um espaço de conversa e diálogo entre os atingidos. Espaço para trocar informações, sentimentos e aprender. Segundo a professora, “na oficina tenta se passar que a liberdade está dentro de cada um. E as mulheres não precisam ficar reféns de homens ou situações. Elas podem enfrentar e mudar”.

Além de mostrar a oficina com as mulheres produzindo seus trabalhos, o documentário segue para um dos lugares onde as atingidas moraram. Elas contam que ficaram um tempo vivendo na beira da estrada, pois como não tinham documentos que comprovavam o direito da propriedade, foi muito mais difícil identificar e constituir os direitos para a luta. Mas com o decorrer do processo, foram se conscientizando das questões que envolvem a melhoria das condições de vida.

Depois disso, vem uma tomada da carta redigida por Patrícia e Da. Sebastiana onde elas se dirigem às demais bordadeiras atingidas onde contam que tiveram grandes problemas com as empresas das hidrelétricas, e também com o governo, para serem ouvidas. Foram ameaçadas, e abandonadas ao destino, até que se organizaram e invadiram as instalações da usina e se mantiveram no local. Foi só aí que tiveram voz e vez para uma pauta de negociação. E colocam que às vezes, levadas ao extremo da dignidade, precisam tomar ações extremas também.

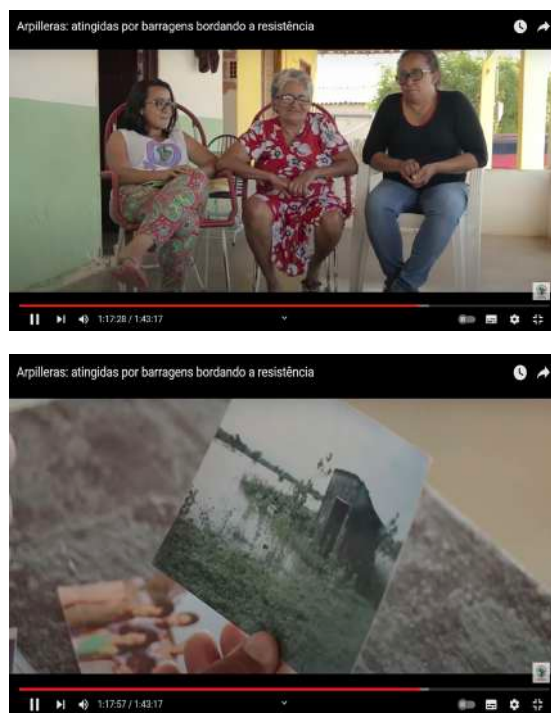
NORDESTE - Quinto Depoimento: Marina inicia seu depoimento dizendo que nasceu no lugar onde foi inundado, aprendeu a amar a vida, acompanhar histórias de crescimento, até que as famílias foram sendo retiradas, “aquela história de que o sertão vai virar mar, e esse mar virou deserto”.

Esse relato vai contar a história da Barragem do Castanhão, ou “Açude do Castanhão”, iniciado em 1995 e concluído em 2003, localizada no município de Alto Santo, no estado do Ceará, inundou uma

área de cerca de 58.000 hectares. Teve como objetivo ser utilizado para irrigação, abastecimento urbano, piscicultura e regularização da vazão do Rio Jaguaribe. Dentre vários impactos, o principal e mais traumático foi a inundação total da cidade Jaguaribara, e implicou na transferência de 8 mil pessoas moradoras de Jaguaribara, Jaguaretama, Alto Santo e Jaguaribe (área urbana e da área rural). Ocasinou a destruição de patrimônios residenciais, religiosos, culturais, econômicos e ambientais que provocou tensão social decorrente da mudança radical na vida da população deslocada, com a interrupção das atividades sociais e produtivas. (COUTINHO E MORAIS, 2016)

Imagens 15 e 16: Mariana, a avó e a mãe; e foto do alagamento.

Cena do documentário “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

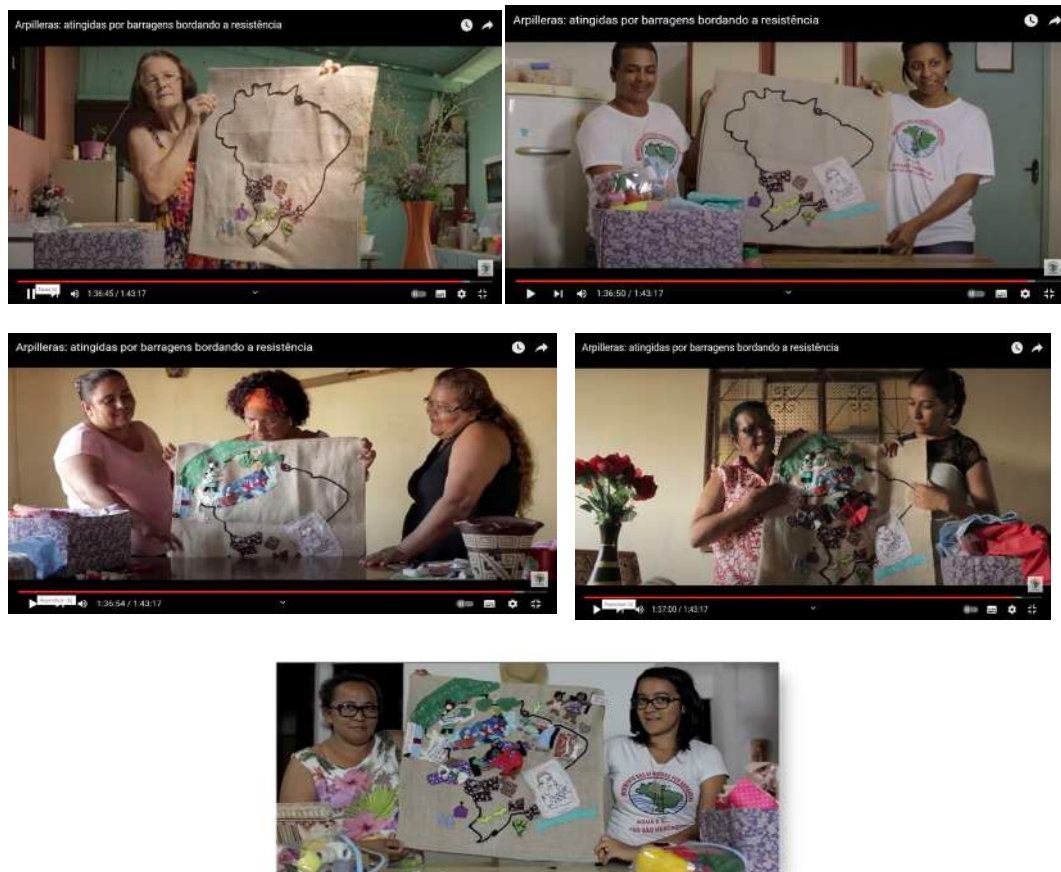
Marina, Margarida e a avó vão relatando o desespero que foi o processo de saída das casas com o alagamento da cidade. Segundo elas foi um momento traumático em que a água foi entrando nas casas e os moradores retirando seus pertences, com a defesa civil observando tudo de longe, do alto em um helicóptero. Conforme vão descrever as histórias, falam da importância do rio para a sobrevivência de todos. Falam sobre os objetivos da barragem que seria não deixar faltar nem água e nem alimento, mas que muitas localidades estão com seca total, sem distribuição de água para as famílias, somente um grande canal que leva a água direto para os centros urbanos e as indústrias. Ninguém da localidade tem acesso à água do canal.

Para elas, quem mais sofre com essas “políticas do capitalismo” é o homem do campo e as mulheres. E constata que “o lugar onde a gente nasceu, também foi o lugar onde nasceu nossa luta”. Seguem bordando, e na carta Margarida e Marina (mãe e filha) “desejam a todas as arpilleras do país muita paz e força, que mesmo diante de tanta violação e negação dos direitos, faz acreditar em lutar”. Continuam escrevendo às companheiras que a barragem trouxe muito medo, violência e problemas que mataram o rio e um pouco de cada uma delas. “Mas a luta é a única saída para mulheres ribeirinhas. Organizar e unir. O patriarcado oprime. O capitalismo explora. E o modelo energético e hídrico desmantela a vida de muitas pessoas. Mas deve-se resistir, pois todas as mulheres estão dentro umas das outras. Por sermos coletivo é que triunfaremos.”

E, dessa forma o documentário termina exibindo o bordado com o mapa do Brasil e o registro em bordado das arpilleras atingidas por barragens, que gravam nesse meio popular não o passado,

como recordação, mas o presente reconstruído na luta. O mapa bordado como folkmídia com as mensagens das mulheres empoderadas, líderes de opinião, que transformam a realidade, a forma de comunicar e a estética da arte popular.

Imagens 17, 18, 19, 20, 21: Cena s finais do “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

Conclusões

O artesanato é uma forma de registrar histórias e processos sociais. No campo da folkcomunicação esse processo pode ser definido como mecanismo comunicacional adotado pelos grupos populares marginalizados como suporte de informação para realizar suas trocas de mensagens, divulgar sua visão sobre os acontecimentos vividos, expor suas pautas de luta. Mesmo com poucos registros históricos sobre o bordado, pudemos verificar que essa expressão artística sempre esteve presente como manifestação cultural importante em diferentes classes sociais.

Os dados mostraram que o bordado foi adotado como um instrumento político e de comunicação por pessoas que viviam situação de repressão política e violências sociais ocorridas no Chile, resultando na técnica da arpillera, um bordado que utiliza a estopa como base, e restos de outros tecidos – que podem vir de retalhos de roupas-, além de linhas e outros materiais que possam ser aplicados no trabalho compondo a temática a ser representada. Essa técnica de bordado, assim como os objetivos da Arpillera chilena foi adotada também no Brasil, como uma das atividades do Movimento dos Atingidos por Barragens, como uma forma de arte para expressar os sentimentos,

registrar os fatos, apresentar as lutas dos atingidos.

Com base no documentário “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência”, podemos considerar que a prática milenar do bordado permanece na contemporaneidade sendo produzida como método artesanal que liga os conhecimentos e as tecnologias do presente com saberes e processos ancestrais de diferentes povos. O bordado adquire função folkcomunicação, transmitindo temáticas ligadas as emoções, vivências e lutas resultantes de problemas sociopolíticos – é processo de folkcomunicação e é folkmídia.

As bordadeiras, aqui autodenominadas arpilleras – cada uma das depoentes nas cinco regiões do país, trazem no artesanato suas histórias entrelaçadas às lutas pelos direitos que foram suprimidos ou negados, auxiliam como prática de resistência e empoderamento, são folk-ativistas mulheres que se unem em lutas locais e que se ampliam nacional e internacionalmente. Registrar o vivido em produções artísticas como o bordado é definir a importância de cada indivíduo como protagonista da história e do saber coletivo. O bordado torna-se um meio, um instrumento de luta pelo qual as mensagens das comunidades não hegemônicas e marginalizadas são veiculadas gerando fortalecimento, identidade e patrimônio.

Referências

ARPILLERAS: atingidas por barragens bordando a resistência. 2017. Documentário. MAB - Movimento Atingidos por Barragem. <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>.

BELTRÃO, L. 2001. Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS.

COUTINHO e MORAIS. 2016. Da construção de barragens aos atingidos: o caso do açude do Castanhão no semiárido cearense (BR). Universidade de Évora, Portugal. http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/24963/1/CIALP_Coutinho%20%26%20Morais.pdf.

Exposição virtual Atingidas em defesa pela Vida. Acervo digital Arpilleras. MAB. <https://mab.org.br/mulheres/>.

FIOCRUZ. 2013. Mapa de conflitos da Fiocruz. Editora Fiocruz. <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/go-atingidos-por-barragens-lutam-por-revisao-e-regularizacao-de-indenizacao-e-reassentamento>.

HOHLFELDT, A. 2001. Luiz Beltrão: o profissional de Jornalismo e o preparador de jornalistas. In BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS,

PEREIRA, C. N. e TRINCHÃO G. M. C. 2021. O bordado como ferramenta educacional no Brasil entre os séculos XIX e XX. Revista História da Educação (Online), v. 25: e101244 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/101244>.

MARQUES DE MELO, J. 2008. Mídia e Cultura Popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus.

SCHMIDT, C. 2011. Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário. ANAIS da XIV Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Juiz de Fora/MG.

SCHMIDT, C. 2022. Resistência ponto-a-ponto: O bordado político como suporte midiático de luta contra a desinformação. Trabalho apresentado no GP 18 – Folkcomunicação. ANAIS - 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. João Pessoa/PA.

SIMÕES, L. 2022. Bordados de luta. <https://www.obeltrano.com.br/portfolio/bordado-de-luta/>.

TRIGUEIRO, O. 2008. Folkcomunicação e ativismo midiático. João Pessoa/PB: Editora Universitária da UFPB.

ORGANIZAÇÃO



COM O APOIO

